

## MADAME DE GIRARDIN

(FRAGMENTO DE UM LIVRO INTITULADO «EM PARIZ»)

Madame de Girardin, cujos restos preciosos repousam, ha poucos annos ainda, debaixo de um singelo tumulo de marmore branco no cemiterio Montmartre, é a encarnação do mais delicado espirito d'este seculo no typo quasi ideal da mais perfeita mulher da metropole da intelligencia e da elegancia.

O logar que a prematura morte de Madame de Girardin deixou vago na litteratura moderna é um logar unico, no qual a emminente escriptora esteve acima de toda a rivalidade, de toda a emulação e de todo o confronto.

Dos livros assignados por nomes femininos, diz Alphonse Karr que representam uma dupla calamidade, um livro de mais e uma mulher de menos. E quasi sempre é effectivamente assim. Pondo por agora de parte o mal que provem de um livro tibiamente escripto, o que muita vez corresponde á queda de uma ideia boa que se sustentou mal, observo que a mulher desaparece ordinariamente quando a escriptora se manifesta. O trabalho intellectual endurece o espirito assim como o trabalho material endurece o corpo, e d'ahi resulta que nada ha mais difficil e mais raro do que alliar a hombridade do talento, desenvolvido nas terribes fadigas da applicação e do estudo, com a brandura, com a candidez e o mimo de que procede o encanto das naturezas feminis. A individualidade litteraria de Madame de Girardin representa essa quasi prodigiosa alliança. Nas delicadissimas produções da sua fantasia, nos seus estudos litterarios, sociaes e politicos, nos seus romances, nos seus versos, nas suas comedias, nos seus dramas, e principalmente nos seus admiraveis folhetins, inimitavel modelo de tão difficil genero, nos quaes especialmente se empregam os seus esplendidos dotes de litterato, de poeta, de erudicto e de philosopho, transparecem de continuo, a par da viveza da imaginação e da finura da critica, os affectos meigos, a despresumpção d'authoridade, a benevolencia carinhosa, a alegria infantil, o enthusiasmo sincero, a predilecção arrebatada, e, na pureza das suas crenças, na elevação das suas aspirações e no perfeito desinteresse dos seus intuitos, o ar mais seductor e o geito mais *coquet* de se fazer adorada.

Nenhum de nós outros sabe jogar assim com os elementos litterarios.

Os homens predestinados pelo talento de escrever criam ás vezes proselytos mas não criam amigos, conquistam intelligencias mas não conquistam corações, tornam-se celebres mas não se tornam amados.

A circumstancia que mais particularisa o cunho das obras de Madame de Girardin é que, antes de produzirem a admiração, suscitam a sympathia. Ha n'isto um processo de attração que um escriptor do outro sexo não pode urdir, porque o merito de um homem pesa-se pelas invejas que desperta e o poder de uma mulher pelas afeições que conquista.

NUMERO 13

O excepcional valor do talento litterario de Madame de Girardin consiste em ser essencialmente femil. Não pode o leitor na sua mente e no seu coração desprender as suavissimas linhas que ella nos deixou da mão alva e aristocratica que as escreveu: é uma penna que se não admira sem vontade de beijar os dedos afilados que a seguram.

Jorge Sand, com quem algu is pretendem indevidamente comparal-a, é o primeiro stylista francez. Creada desde a mais tenra infancia nas doutrinas philosophicas do seculo XVIII e principalmente na leitura e na admiração de João Jacques Rousseau, Madame Sand tomou por exemplar e por emulo, esse homem, em quem a brandura da lingoagem contrasta singularmente com a dureza do coração. Depois do autor de *Emile* ninguem escreveu ainda tão abundante e tão harmoniosamente a lingua franceza como o autor de *Lelia*.

É porem radical a differença que existe entre Madame Sand e Madame de Girardin.

A autora da *Indienne* e do *Secrétaire intime* até o seu nome de mulher perdeu quando se fez romancista. É logica esta abdicção baptismal, porque a indole de tão varonil talento desdiz de toda a designação feminina.

Se pelo contrario Madame de Girardin tivesse a infelicidade de ser homem, teria de adoptar um nome de mulher, por não haver outro que mais se aproxime de um nome d'anjo, para assignar *La joie fait peur*.

A humanidade é por cada uma d'ellas considerada como o seria um jardim por um florista e por um botânico.

Jorge Sand é a arte, Madame de Girardin é o sentimento. Uma até no amor é philosopho, a outra até na philosophia é amante. A primeira é um *honnête homme*, a segunda é uma *brave femme*.

A amisade que as unia prova que a indole do talento de cada uma as desligava. Entre duas mulheres a similhaça é a separação, e a corajosa esposa do redactor da *Presse* foi sempre a amiga da companheira romanesca de Jules Sandeau.

Theophile Gautier, o mais sympathico materialão que se conhece, consagrou á convivencia d'esses dois espiritos uma pagina deliciosa de sentimento e de saudade.

Nada mais commovente do que a approximação d'estas duas mulheres, que deviam unicamente ao seu talento e ao seu valor a celebridade, que é um throno, pelo qual muitas rainhas trocariam o seu! Madame de Girardin nos ultimos dias da sua vida, nova ainda e classicamente bella como a estatua grega de uma deusa, recostada entre as almofadas de um sophá no seu quarto do dormir, e defronte d'ella, entranhada n'um *fauteuil*, com os pés crusados n'um tamborete e um cigarro na bocca, Jorge Sand contemplando, com a tristeza no olhar e as lagrimas no coração, a resignação de santa com que essa alma gentil se despedia sorrindo das commoções da lucta e do prazer da gloria...

A comedia em um acto *La joie fait peur*, á qual acabo de me referir, e que eu tive o arrojo de traduzir, sen-

do ainda creança, para estreia de uma outra creança, a actriz Carlotta Velloso, no theatro de S. João no Porto, é a mais terna e a mais minosa inspiração que o anjo da castidade e do amor pode comunicar á intelligencia humana.

Esse acto encerra na sua estreiteza, assim como a perspectiva de uma paizagem espelhada na resumida superficie de um brilhante, quanto ha mais santo e mais augusto no mundo: a religião, a familia, o amor, a amizade, a piedade filial e a providencia materna.

Compreende-se ao ler esta perfectissima obra que se desafogasse inteiramente da necessidade de escrever o coração que a dictou, e que este pequenino livro fosse a primeira e a derradeira palavra de um sabio. E' o ideal do sentimento representado n'um quadrosinho tão palpitante e tão commovente que deve ter morto o coração quem o presenciar sem derramar uma d'essas lagrimas de consolação e d'entusiasmo que são a mais pura delicia que se pode gosar na terra.

Quando esta comedia se representou pela primeira vez na *Comedie Française*, a imperatriz, profundamente commovida, tinha trespassado com lagrimas as rendas do lenço em que escondia os olhos. O imperador, que estava sentado defronte d'ella na mesma *avant scene*, tirou o seu lenço da algibeira da casaca e offereceu-lh'o. Proseguiu no entanto a representação, succedendo-se uns aos outros os lances mais inesperados e os mais proprios para agitar o coração até as suas mais reconditas fibras. O imperador encostado ao parapeito do camarote tinha cravado os olhos na scena, quando um pouco antes de terminar a comedia a imperatriz lhe tocou no hombro para lhe restituir o lenço com um significativo sorriso. Das palpebras de Napoleão acabava de cair tambem uma lagrima sobre os dedos com que elle procurava esconder a tremura do labio torcendo as guias do bigode.

Madame de Girardin collaborou durante muitos annos na *Presse*, periodico de que seu marido era proprietario e redactor principal. Emquanto elle hostilizava ou defendia no artigo de fundo os diferentes ministerios que se succediam no poder, analysava ella no folhetim com a veia mais fecunda e mais original a sociedade parisiense, os homens mais notaveis e os mais relevantes successos do seu tempo.

As *cartas parisienses*, que ella firmava com o pseudonimo de Vicomte de Launay, constituem a critica mais fina, a mais fidalga e a mais educada com que se tem honrado o jornalismo contemporaneo e esse malaventurado folhetim, que ella atravessou de vestido de baile e hombros nus, deixando empregnado do seu perfume o aristocratico aposento onde tanto almocreve bordalengo tem ido depois d'isso desfadigar o suado couro, fumando ahi o seu brejeiro em holocausto á liberdade que cada um tem hoje de ser desaffrontadamente insipido e mal creado.

Madame de Girardin, que era a distineção personalisada, antipathizava instinctivamente com a plebe, e detestava os republicanos. A aristocracia do talento e a

aristocracia da educação tinham n'ella um defensor estrenuo e um campeão denodado, diante de quem emudeciam os adversarios mais eloquentes e recuavam os mais petulantes. O seu famoso folhetim a respeito das duas sociedades do *faubourg Saint-Germain* e do *faubourg Saint-Honoré* está ainda hoje na memoria de quantos o leram. A sua dissertação ácerca da egualdade, em que ella combate as theorias de Lamartine, é um admiravel trecho de philosophia. A republica tinha-a ella por um excellente regime cujo defeito unico eram os republicanos.

«Estes republicanos d'hoje, escrevia ella em 1844, não se parecem nada com esses altivos Brutos d'outro tempo. Não escrupulisam na severidade nem na abnegação; querem matar tudo mas é para viverem bem; gostam de sangue, mas tambem gostam de nata; são grosseiros nas maneiras mas são exigentes nos gostos; são ferozes mas não são austeros, e se querem derribar Tarquinio não é para vingár Lucrecia, é para lh'a empalmar.»

Na dissertação sobre a egualdade ha trechos como este:

«Fallam-nos da egualdade perante a lei. Nem essa admittimos. E' exactamente perante a lei que a egualdade não pode existir. Perante a lei não ha senão innocentes e culpados, possuidores e usurpadores, honrados e velhacos, oppressores e opprimidos, assassinos e victimas, e não nos parece que toda essa gente se possa considerar egual.

«Não, os homens não são eguaes nem na vida nem na morte. Não nos citem esse fallado nivel do tumulo, esses sete palmos de terra que bastam para o mendigo e para o rei. Mentira. A morte não equalisa. Na sua hora extrema o homem que viveu com honra não pode ser igual ao que viveu com infamia. No seu ultimo suspiro o que teve uma existencia socegada e alegre não pode ser egual do que soffreu sempre. As virtudes são titulos e os soffrimentos são direitos. Ninguem se aperfeioa em vão, ninguem soffre inutilmente. Deus justiceiro recompensa cada um segundo as suas obras e segundo as suas penas. Feliz a alma que tem a intelligencia das suas dores; para ella tem as lagrimas lingoagem e o desespero promessas. Quem é que não sentiu que Deus nos assignala quando nos fere, e que ha certos pezares, certos tormentos inauditos, insupportaveis, horriveis, que o empenham connosco por toda a eternidade!»

A par das paginas da mais elevada moral e da mais perfeita religião, Madame de Girardin tinha a replica acerada e a ironia viva e penetrante.

Ninguem defendeu com mais juizo e mais graça que a celebre folhetinista os titulos nobiliarios que a republica aboliu.

Sabios economistas, dizia ella, emquanto não tiverdes valores reaes para dar a toda a gente, não destruaes os valores ficticios que alguns possuem; as ficções consoladoras não existem unicamente na poesia. Os titulos

lo: que vós abolistes eram um valor fictício; um titulo é um patrimonio; um rapaz pobre que fosse marquez podia casar-se com uma menina rica que quizesse ser marqueza; vós arruinaes esta esperanza. Não vos dá cuidado derrocar para sempre esses calculos da vaidade? Não vos importam essas pobres mulheres que se casaram com parvos para serem condessas? Pois é triste: porque no fim de contas deixam ellas de ser condessas e continuam elles a ser parvos!... Este ultimo titulo não pôde a revolução abolir-o.»

Essa encantadora mulher, que tanto presava a graça, a elegancia e a belleza possuia no mais subido grau o sentimento da responsabilidade do talento e da probidade litteraria.

«Tornamos a fazer folhetins, escrevia ella em 1848, nós que estavamos tão contentes no silencio! nós que de tão boa fé tínhamos protestado não tornar mais a escrever! Mas quando ha perigo em fallar não é permitido estar calado. A preguiça torna-se covardia nos dias de lucta, e perde então todos os seus encantos e até a sua realidade porque a perturba o remorso, e o remorso é um grande trabalho para um espirito indolente. Entremos pois na liça corajosamente. Apesar da nossa fraqueza, seremos um campeão terrível. Não temos arnez mas tambem não temos mascara. Não sustentamos a menor espada na mão debil, mas temos, contra os hypocritas, de todas as armas a mais terrível ainda na mais fraca mão: uma luz.»

Appez da sua extrema debilidade nervosa, Madame de Girardin, que estremeceia ao rumor de um ratinho e desmaiava se um morcego lhe entrasse no quarto, tinha diante do verdadeiro perigo o valor de um homem e a impavidez de um heroe.

Quando Emile de Girardin foi preso incommunicavelmente no dia 25 de junho de 1848, correndo em Paris o boato de que elle fora secretamente julgado e condemnado á morte, madame de Girardin, gravemente doente, sahiu de casa a pé e atravessou sósinha as ruas de Paris em que a revolução popular se extorcía e nivava ameaçadora e medonha.

Quando a revolta lhe bateu ás portas de casa, Madame de Girardin abriu-as de par em par e disse á plebe grosseira e avida:

—Entrem. Estão abertas todas as portas e as chaves em todas as gavetas. Levem quanto encontrarem, que lhes offereço tudo. Nem o sr. de Girardin nem eu permitimos que em nossa casa um povo de francezes se converta n'um povo de ladrões. O que existe d'estas portas para dentro ganhou-o meu marido e ganheio-o eu. Abençoado o trabalho! Elle que nol-o deu hontem, nol-o saberá restituir amanhã.

Para qualificar d'estes actos ha uma palavra só, que é o heroismo na mais esplendida manifestação por que elle se pode revelar na determinação de uma mulher.

O derradeiro folhetim de Madame de Girardin, es-

cripto no dia 3 de setembro d'esse mesmo anno, foi-lhe devolvido mutiladissimo pela censura previa. O poder democratico sustentado nas barricadas pelo fogo dos canhões tremia deante de um folhetim assignado pela gentil parisiense! Madame de Girardin publicou-o tal qual a censura lh'o dilacerara. Contentou-se apenas com additar-lhe as seguintes linhas:

«Perdoae-nos, ou antes perdoae-lhes esta litteratura de estado de sitio. Depois de quinze dias de hesitação, devolvem-nos este folhetim envelhecido, mutilado, sem já ter significação nem sentido. Publical-o assim é modestia, é talvez maldade, porque não ha epigramma nosso que diga tanto como essas significativas reticencias. Expungiram quanto era relevo, supprimiram todas as ideias algum tanto generosas... E é isto a França! este paiz onde nem sequer é permitido procurar ter espirito e ter valor!»

Taes foram as derradeiras palavras traçadas por essa delicada penna, que diriamos herdada de Fénelon ou de Sévigné, e que a morte e a gloria converteram em palma immarcescível na mão de uma das mais encantadoras mulheres a cujos pés podesse orgulhosamente ajoelhar-se um homem.

RAMALHO ORTIGÃO.

## DESCRIPÇÃO DA PESTE DE ATHENAS

ADMIRAVEL EPISODIO DO LIVRO SEXTO DO POEMA DE LUCRECIO «DE RERUM NATURA»

Tradução inedita do desembargador Agostinho de Mendonça Falcão de Sampayo Continho e Povoas

### ADVERTENCIA

Quando o dr. Lima Leitão deu no periodico *Escutapio* a amostra da sua tradução de Lucrecio, publicando tres pedaços, inculcou-se como o primeiro, que em Portugal vertera em romance este excellento poema.

A verdade, porém, é que cinco annos antes havia concluido o desembargador Agostinho de Mendonça a sua primorosa tradução, que nos fez a honra de comunicar, permitindo que d'ella mandassemos tirar uma copia.

Sobreleva tanto a obra d'este illustre academico a d'aquelle distincto professor, que sentimos deveras, que d'ella estejam ainda privados os amadores da litteratura classica. É mais concisa, mais fiel, mais eufonica nos versos, e mais apurada em linguagem a tradução do nosso amigo, do que a d'aquelle medico erudito.

Reconhecerá a exactidão do assérto o que se dér ao trabalho de cotejar as duas traducções d'este admiravel episodio do famoso poema.

R. DE GUSMÃO.

No cecropio paiz outr'ora a peste,  
E mortifero mal funestou campos,  
Estradas enfestou, deu mate aos homens,  
De que a cidade errou; pois tendo origem  
No intimo do Egypto, e atravessando

Tracto immenso de terra, e vastos mares,  
De Pandion o povo em fim visita,  
Montes d'homens infecta, infindos mata.

Principiava o mal por inflamar-se  
De intenso ardor a morbida cabeça,  
E os olhos do calor enrubecerem.  
Das fauces reçumava negro sangue,  
O conducto da voz fechavam ulceras;  
E da lingua, interprete da mente,  
Chagada e com tardo movimento,  
Asp'ra ao tacto, escorria escuro sangue.  
Tanto que o mal d'alli baixava ao peito,  
E o coração do enfermo repassava,  
Os estames da vida se quebravam.  
Fétido cheiro da boca lhe exalava,  
Qual putridos cadáveres vaporam.  
Toda a força o espirito perdia,  
E par'cia que o corpo definhado  
Hia a tocar as bordas do sepulcro.  
A dores tão cruéis se associavam  
Inquieta afflicção, ancias, gemidos,  
E um continuo soluço, noite e dia,  
Que os nervos irritando, e entorpecendo  
Os membros, seus liames dissolvía,  
Succumbindo á fadiga o triste enfermo,  
Nem na pelle do corpo, e extremas partes  
Era nimio o calor, antes o tacto  
N'ellas achava tépida quentura.  
Todo o corpo era rubro, e parecia  
Como queimado, e como que tivesse  
Lavrado a ersypella pelos membros.  
Um fogo ardente os olhos lhe queimava,  
Como n'una fornalha o ventre ardia.  
O mais tenue vestido, inda o mais leve,  
Como incommodo ao corpo rejeitavam,  
Expostos sempre ao ar, aos frios ventos  
Uns, torrando-lhe os membros a doença,  
Nas gelidas correntes se lançavam,  
Os corpos n'as ondas remessando :  
Outros de bocca aberta aos fundos poços  
Correndo, n'elles vão precipitar-se.  
A séde insaciavel, mergulhando-os,  
Iguála a tenue gotta uma torrente.

Não intermitte o mal um só momento.  
Definhados os corpos succumbiam :  
De medrosa tremia a Medicina.  
Porque noites inteiras os coitados  
Insomnes volvem, rubicundos olhos,  
E outros mortaes symptomas presentavam.  
A tristeza e temor lhe assombram a alma,  
Franzida a testa, horrido o semblante,  
Estrepitoso som no inquieto ouvido ;  
Folego ora frequente, ora tardonho ;  
O collo destillando humor luzente ;  
Saliva escassa, salsa, açafroada,  
Que a custo da garganta expelle a tosse.  
Nervos hirtos das mãos : tremerem membros,  
E hir dos pés por degraos subindo o frio.  
Nos ultimos instantes se obstrue,  
E acumina o nariz, encovam-se olhos,  
E as fontes da cabeça se contraem.  
Fria e aspera a pelle, aberta a bocca,  
A fronte dilatada, e proeminente ;  
Pouco tempo depois a vida exhalam ;  
E surgindo a outava, ou nona aurora,  
Vêem-se soltar o ultimo suspiro.  
Se acaso acontecia que escapasse  
Da morte alguém, effeito só devido

A ulceras negras, a fécal descarga,  
Esperava-o mais tarde a mesma morte.  
Com dores de cabeça as mãos das vezes,  
Do nariz lhe manava entumecido  
O sangue corrompido em copia immensa ;  
E assim o corpo, e as forças se esvahiám.  
Se assim o podre sangue não sahía,  
Por os nervos então se derramava,  
E ás partes genitaeas putrido morbo.  
Muitos temendo o adito da morte,  
Dos genitaeas a ferro se privação,  
Outros dos pés e mãos, e assim vivo ;  
E os olhos muitos delles se arrancavão.  
Tamanho era o temor da morte n'elles !  
E tomava-os tamanho esquecimento  
De tudo, que mal ousam conhecer-se.

Beem que coberta fosse de cadáveres,  
Uns sobre outros, a terra, todavia  
Eru rasão do fedor, fugiam d'elles  
As aves de rapina, as ermas feras :  
Ou tocando-os, tomava-as logo a morte,  
Nenhuma ave se expunha á luz do dia  
Impunemente, ou feras se arriscavam  
A dos bosques sahir durante a noite,  
Que a peste as não tomasse, e logo a morte,  
Sobretudo dos cães a fida raça,  
Estirados nas ruas, e empestados,  
A' força do contagio as vidas perdem,  
Os muitos funeraes eram sem pompa :  
Nem remedio efficaz ao mal se achava.  
E o que a uns produzia — a aura da vida  
Respirarem, e ver dos ceos o espaço —,  
Em outros produzia excidio e morte.  
O que era miserando em tanto excicio,  
E o mais de lastimar-se, e de carpir-se,  
Era ver, que aquelle, a quem tomava  
Tamanho mal, olhava-se perdido,  
Como se á morte fosse condemnado.  
Triste, seu coração desfallecia,  
E, esp'rando sempre a morte, enfim morria.

Mas o que sobretudo accumulava  
Mortes a mortes era, que o contagio  
Sem cessar de uns a outros se apegava,  
Aqueles, que mui ávidos da vida,  
Ou em extremo tímidos da morte,  
De visitar fugiam os enfermos,  
Matava-os vergonhoso desamparo,  
Sem humano soccorro, como acabam  
Lanigeras relés, bovino armento.

Mas os que soccorrer não se esquivavam  
Os seus, cahiam victimas da peste,  
E do affan, que o dever, e as tristes queixas  
Dos enfermos faziam supportar-lhes.  
Os mais probos varões n'isto lidavão,  
Porfiando a qual mais mortos soterrasse,  
Cançados se tornavam ás pousadas.  
Innudados em pranto, o rosto em lucto,  
Cahem no leito victimas da magoa :  
Nem se encontrára alguém, que em tal ensejo  
Ou morte, ou a doença não carpissem.

Nem a peste cruel em fim poupava  
Ao do gado pastor, do armento ao guarda,  
Nem ao forte cultor, que rege o arado,  
Nas choupanas o mal hia attacál-os,  
Onde a pobreza, a peste os consumia.  
Os cadav'res dos pais sobre os dos filhos,  
Viam-se alli jazer ; e estes mofinos  
Sobre os dos pais e mães verter a vida,

A mór parte do mal, vindo dos campos,  
 Trouxeram-no á cidade os camponezes,  
 Onde iscados da peste concorriam  
 De toda a parte em bandos, atulhando  
 Praças e habitações; por isso a morte  
 Com o calor seus golpes redobrava.  
 Mortos á sede, muitos acabavam  
 Nas ruas, e cadáveres sem conto  
 Junto ás fontes se viam alastrados,  
 A que o nimio beber tirára a vida.  
 Cobriam as estradas moribundos  
 Corpos quasi sem vida, cujos membros  
 Inertes, fedorentos, mal cobertos  
 De vis trapos, de todo apodreciam,  
 Somente aos ossos adheria a pelle,  
 Que cobria immundice, e negras chagas.

Tinha a morte atulhado os santos templos  
 De corpos já sem vida: só cadáveres  
 Juncavam as mansões dos mesmos Deuses,  
 Onde os guardas dos templos recolhiam  
 Os forasteiros, pois nem culto aos Divos  
 Se dá, nem é seu numem acatado;  
 Porque fazia a dor calar deveres.

Nem na cidade o povo praticava  
 As funeraes exequias sempre usadas.  
 Confusa turbação reinava em tudo.  
 Soterrava cada um dos seus os corpos,  
 Segundo o seu haver lho permitia.  
 A subita violencia, e a pobreza  
 De mui horrendos feitos foram causa:  
 Pois que alli alguns houve, que em fogueiras,  
 Por outros construidas, collocaram,  
 Entre grande motim, dos seus os corpos;  
 Punham-lhes fogo, e brigas sanguinosas  
 Antes quizeram ter, que abandoná-os.

## REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

(Continuado do n.º 12.)

IX

### O encontro

Consoante pode a força humana, levantou-se Regina do leito passados dias do fallecimento da irmã. Alquebrada por tantos combates, quase insensível no tocante a futuro que já lhe não apontava dores novas nem alegrias; a desventurada mulher, deixou mais uma vez a casa dos pais e separando-se d'elles quase com indiferença, tomou o caminho de sua sumptuosa habitação.

—Assim o quizeram—disse ella abraçando os dois esposos lavados em pranto—Assim o quizeram: uma, a mais feliz, descança; a outra cá vai vergada ao peso incomportavel, da vida que lhe deram! Agora, coragem; de nada servem os lamentos. Deus é bom, e misericordioso. O anjo—acrescentou ella apontando para o céo—rogará por nós.

Nem Anselmo, nem D. Antonia acharam que re-

darguir á justa accusação da filha. Nem um nem outro se lembrou de que era ácre a censura; qualquer d'elles se sentia esmagado pela mão de ferro da desgraça.

No curto periodo da doença de Eugenia, Regina soubera a intevallos noticias de Salvador. Raphael contara-lhe tudo. Foi com vivos transportes de gratidão para com a Providencia, que ella saudou a resurreição do mancebo. Achara-se mais forte, desde que pôde respirar, e desoprimir o coração da ideia funesta que poderia matar o seu amor.

Agora já nem esse estimulo doloroso restava á sua alma; já não haviam na sua vida acordes suaves ou irritantes que podessem arrancar-lhe do torpor em que jazia.

D'ahi lhe resultou um como espasmo quotidiano, assustando o visconde e os proprios facultativos, que suspeitavam d'aquella definhacão moral. Depois de muitas experiencias medicas, a que Regina se prestou sem attentar mesmo no fundamento d'ellas; resolveram fazer a sahir do Porto, e procurar nos ares da Madeira, ou nas distrações d'uma viagem ao estrangeiro, tonico que a fizesse sahir d'aquelle estado.

Resgatada mesmo da cruel incerteza em que lhe pairava o espirito, a respeito de Salvador e da irmã, aquella espantosa noite afigurava-se-lhe tão densa alli como em toda a parte.

--Iremos, meu amigo, iremos; já que é essa a sua vontade—dizia ella ao marido quando este lhe encarcera os gozos da viagem—Devo penitenciar-me com o enfado que vou sentir desaccommodando-me d'aqui, em espiacão de o ter algumas vezes contrariado. Mas não vamos para muito longe. O sol da minha patria far-me-hia saudades; saudades e dissabores porque ha aqui uns doze palmos de terra que cobiço ha muito, e são a minha unica esperanza.

Cingindo-se á vontade da esposa, o visconde que a amava de veras, quanto o homem material pode amar a formosura que lhe deleita a vaidade, resolveu dirigir a sua digressão para a Madeira, contando com a amenidade do clima para lhe robustecer e animar a saude.

Na vespera da partida, apeou Regina da sua carroagem á porta do cemiterio da Lapa, onde era o jazigo de sua familia. Era a primeira visita que fazia ao tumulo da irmã. Por mais que o marido tentasse demovel-a d'aquella idea, não o conseguiu.

Seriam cinco horas da tarde d'um dia de inverno. Os tenues raios de luz, coavam-se pallidos atravez dos monumentos e dos ciprestes. O silencio só era quebrado pelo vento que fazia bater nos mausoleus a ramaria d'um cedro, ou a copa d'um chorão oscilante. Tudo n'essa hora respirava alli a poesia da morte. As mesmas rozeiras viam-se aqui e alem tristes e enfezadas, esconderem n'uma camada de folhas amarelecidas o botão alvejante que devia desabrochar sobre os sepulchros tristonho e desapercebido.

Tomada d'um religioso terror, ficou ella um pouco suspensa contemplando aquella quadro. Depois, tomou uma ruasinha á direita e dirigiu-se para o jazigo com

passo firme. Chegando, ajoelhou, encostou a cabeça ás grades do sarcophago e ficou immovel e absorta. Passados dez minutos, pareceu-lhe que um gemido surdo respondera á sua invocação. Estremeceu, e por um movimento espontaneo os braços descahiram-lhe ao longo do corpo, e os olhos levantaram-se-lhe da terra para o ceu, em quanto seus labios murmuravam:

— O pó, não tem voz: é d'ahi que tu me chamas Eugenia? Vens dizer-me que tambem ali ha dores? Que o aniquillamento é mentira?

Um novo gemido mais agudo e prolongado respondeu ás suas interrogações. Tão alheada estava ella do mundo dos vivos, que julgou ainda, que o espirito da irman adejava lacrimoso em redor de si. As meias tintas d'aquelle entardecer nevoento, aquella mulher dotada d'uma formosura surprehendente, vestida de negro, embrulhada n'um longo manto de rendas pretas que lhe descia do alto da cabeça cingindo-se-lhe graciosissimamente ás faces d'uma alvura deslumbrante poderia servir de modelo á estatua sublime da dor. As mesmas madonas de Urbino, escureceriam apar d'aquellas feições tão correctamente deenhadas.

Por traz d'ella, encostado as sarcophago mais proximo, e distante apenas dois passos, um homem contemplava aquella vulto magestoso.

Este homem, era Salvador. Desapartado do mundo; o seu passeio favorito tornara-se o cemiterio. Vinha alli conversar com o nada; e haurir alentos e desprendimento á terra que ja não tinha chimeras que lhe doirassem a existencia. O guarda d'aquella morada conhecia-o de muito como o seu mais constante frequentador. Estava certo de vê-lo chegar todas as manhãs, e retirar á noite quando as portas se fechavam.

N'esse dia como em todos, Salvador percorrerá todos os arruados d'aquelle curto recinto; saudando a um mau soleu, fallando a outro, e parando de vez em quando para escutar a voz silenciosa que remorejava em torno de si. De repente, deu de face com Regina. Occultou-se por detrás d'uns arbustos, bem decedido a não se deixar ver. O coração porem pulsava-lhe no peito, vendo-a caminhar para aquelle lado; sentia tonturas de cabeça, e máu grado seu como impellido por força superior, achouse ao seu lado no momento em que ella ajoelhava.

(Continua).

## ECCOS DE LISBOA

O progresso em materia de religião.—Os impios por fatuidade. — O christianismo, e os seus desenove seculos de existencia.—A fé christã e a sociedade moderna.—Impressão que suscita a semana santa.—O Theatro de S. Carlos e o *Arco de Sant'Anna*.—Ovação do maestro Noronha—D. Luiz associando-se á grande demonstração.—Noronha e o velho Manoel Innocencio.—Um trabalho litterario de Dr. Garcia Peres.—Representam-se as *Pupilas do sr. Reitor* na Trindade e agradam.

Vou cahir n'um grande ridiculo aos olhos de alguns dos meus leitores: vou-lhes declarar, que é sempre com

funda impressão que vejo chegar a época em que a igreja catholica solemnis o tremendo drama da paixão do Crucificado. Sei que a moda hoje é não accreditar em religião nenhuma. Isto de religiões é uma velharia incommoda, que nos obriga a certas formulas de culto, a que a *fatuidade philosophica* dos *racionalistas* modernos intendem não dever sujeitar-se. E entendem bem. Pois se o progresso se vae estendendo a tudo, como é que hade parar ante os limites dos dominios da fé? Queremos innovações em tudo. Se as estradas ferreas substituíram as velhas azinhagas; se as apoplecticas liteiras de outro tempo esqueceram diante das bellas carroagens inglezas; se emfim novos processos nas industrias e nas artes alteraram e refundiram tudo, como é que a religião de nossos paes se atreve ainda a apparecer a mesma, desdenhando, com a sua integridade solemne, o phrenesi de innovação que atacou o espirito moderno? Não pode ser. Da lei universal do progresso nada deve ser isento. Nem Deus; nem o seu culto. Queremos tudo á moda; queremos tudo entrado e enfeitado á moderna. A doutrina christã não é má porque os seus dogmas sejam ruins; é má por ser velha. O Evangelho conta desenove seculos quasi: tem sempre triumphado dos antigos scismas e heresias, e da mesma sorte das recentes impiedades. Ora é este o seu grande defeito. Póde-se lá admitir tão pertinaz e obstinada duração! Quando tudo se transforma, nas artes, nas sciencias e nas industrias; nos commodos e regalos da vida, e nas puras obras do espirito e da imaginação, é crível que a nossa paciencia tolere a adoração da mesma verdade evangelica, os mesmos altares e lithurgia, os mesmos ritos, as mesmas celebrações e solemnidades? E' impossivel. Contra a integridade dessa religião, começada na humildade de um presepio, consagrada no martyrio de uma cruz e embora auctorizada pela crença dos grandes povos do universo, protesta a ancía reformadora, a mobilidade da sociedade de agora. A idea de *sempre a mesma cousa* repugna, é incompativel com as *grandes* aspirações d'este tempo, que transmittie os seus pensamentos com a velocidade da telegraphia electrica, e aproxima as relações sociaes com a rapidez da locomotiva a vapor.

Verdade é que, em religião, como em moral, a verdade não pode ser senão uma, e é na sua estabilidade e invariabilidade que subsistem exactamente as irrecusaveis excellencias de seus principios. Mas a critica moderna regeita este axioma. Não quer verdades absolutas, nem principios eternos. A existencia do homem é breve e varia, e quer tudo breve e vario, como o mesmo homem. Tudo á sua imagem. Tudo pequeno, transitorio e quebradiço, como elle. O progresso tem entrado em tudo, dizia ha pouco tempo um notavel escriptor, fazendo a introdução a um livro religioso: como é pois que ainda se supportam estas demonstrações de culto a um *homem* que morreu ha perto de dois mil annos?

*Ha perto de dois mil annos!...* Pobre espirito, desnorteado pelo vendaval das vaidades que tanto nos affligem n'estes ultimos tempos, que não percebes que é n'esse mesmo facto da perduração de perto de dois mil an-

nos, em que só entrevês uma circumstancia de velhice, que subsistem as grandes provas da sublimidade da fé christã! O Christianismo, com os annos da sua duração, não prova ser antigo, prova ser o codigo de moral mais perfeito que a humanidade tem conhecido. E o orbe catholico, celebrando annualmente os mysterios da Paixão d'Aquelle que o sanctificou com o seu sangue, presta solemne homenagem á mais fecunda e santa das doutrinas. Para o christão, ou para o philosopho, para o moralista, ou para o historiador, o tumulo de Jesus Nazareno é o limite que separa dois mundos: o mundo antigo e o mundo moderno: é o ponto de partida de uma idéa que renovou o universo, de uma civilização que transformou tudo, e de uma palavra que retumbou em todo o globo. Aquelle sepulchro é a sepultura do velho mundo e o berço do mundo novo. Nunca pedra alguma, cá na terra, foi já-mais o fundamento de tão vasto edificio. Nunca tumulo algum se tornou mais fecundo. Nenhuma doutrina, depois de tres dias de sepultada, quebrou mais victoriosamente o rochedo com que a mão do homem tentara aniquillal-a, e deu de si mais solemne e irrevogavel desmentido da morte por tão deslembante e perpetua resurreição!

Eu por mim são estes os pensamentos que me acodem, quando vejo aproximar estes tristes dias em que a igreja celebra os transe de um sacrificio que foi proveitoso a todos nós.

Deixemos comtudo a egreja, e entremos no mundo profano.

O mais notavel acontecimento d'estas ultimas semanas foi a ovação feita ao maestro Noronha, pela sua bella opera *O Arco de Sant'Anna*. Todas essas noites de festa foram talvez o melhor periodo de toda a epoca lyrica d'este anno. Depois da saída das Marchisios, o theatro havia ficado marasmatico. Era um habito ir a S. Carlos, não um recreio. Até Mongini, este anno, parecia-nos cantar sobre-posses. Ou porque os dotes do cantor estejam effectivamente em visível decadencia, ou por que a critica desabrida dos parisienses lhe houvesse exacerbado a sua natural irritação nervosa, a verdade é que o illustre tenor nem mesmo no dueto do *Moisés* ostentou d'esta vez aquella fluidez de vocalização e pureza de orgão com que ainda a época passada nos arrebatara. Assim, nem mesmo este motivo de entusiasmo permanente para o nosso publico, nos annos anteriores, conseguiu despertal-o este anno.

Felizmente veio a opera de Noronha, acompanhada de alguns episodios de bastidor, estimular, e chamar a postos os amantes da boa musica.

A partitura é bem conhecida dos portuenses. Foram elles que primeiro victoriarão o talento do auctor, applaudindo os seus melhores cantos. Pena é que o libretto não houvesse sido dilineado mais de accordo com as diversas exigencias do quadro do drama lyrico. A opera padeceu com isto. E é talvez um dos fundamentos mais indisputaveis para o merecido louvor do maestro, escrever elle tal musica sobre tão rachitica armadilha

poetica. E' preciso ser bem singularmente bafejado pela musa da melodia, para não virem as irritações resultantes da impossibilidade de tão maus elementos apagar de todo os lampejos do estro musical.

Comtudo o *Arco de Sant'Anna* foi recebido entusiasticamente. Poucas vezes temos visto d'estas festas em S. Carlos, tão sinceras e unanimes. Applaudiu platea e camarotes; applaudiu a orchestra; applaudia a familia real. Os amadores offereceram uma medalha ao inspirado compositor, e o rei agraciou-o com o gráu de official da ordem de Sant'Iago.

Quando, n'uma das referidas chamadas, Noronha appareceu já com o collar, que o mesmo principe lhe havia lançado ao pescoço, depois de o ter chamado ao seu camarote particular, os espectadores recresceram em palmas e bravos, e muitos d'elles foram intencionalmente dirigidos ao soberano que tão dignamente se soube alliar a esta consagração de um talento que nos honra a todos nós.

E o collar dado encerra valia especial. Por não haver nenhum feito em Lisboa, á venda, o sr. D. Luiz mandou-o pedir ao seu antigo mestre, o sr. Manoel Innocencio, que lh'o levou mesmo á noite, a S. Carlos. Assim o collar ajunta ao valor honorifico do grau que representa, a circumstancia de ter pertencido ao decano dos musicos portuguezes. E' mais um titulo de estima.

Como estou em maré de narrar honras concedidas a gente nossa, não deixarei esquecido o que se passou em Hespanha com o nosso compatriota, o Doutor Domingos Garcia Peres.

Ao ultimo concurso, dos que annualmente abre a Bibliotheca Nacional de Madrid, com o fim de premiar obras de bibliographia, apresentou-se o doutor Garcia Peres com um trabalho intitulado—*Ensaio de una biblioteca Espanhola de escriptores portuguezes*, o qual, se não alcançou o premio, por não estar exactamente nas condições do programma, que exigia, além da vida dos escriptores, a noticia de suas obras, o que o manuscrito do nosso compatriota continha, e tambem a menção das diferentes edições, com declaração das que fossem *principes*, a indicação do anno e logar da impressão, e outros requisitos bibliographicos, obteve todavia ser recommendada ao governo hespanhol, para que auctorisasse o director da Bibliotheca a adquerir o manuscrito. por ser reputado de subida valia. O governo hespanhol assim o julgou, e mandou que fosse offerecido ao dr. Garcia a somma de 600 escudos, o que elle acceitou.

E note-se, que na apreciação d'este trabalho se ajuntaram votos de homens notaveis em letras e sciencias do reino visinho, como Harsembuch, Campoamor, Roscel, Fernandes, Guerra, Aparicio e Guizarro e outros, o que constitue o elogio indisputavel da obra do nosso distincto bibliographo.

Damos-lhe d'aqui os parabens, e a nós felicitamos tambem, pois todas as distincções, bem cabidas, feitas á classe dos homens de letras, as tomamos como dirigidas a nós proprios.

O dr. Garcia Peres é um espirito estudioso, e homem muito versado na litteratura da nossa península, tanto antiga, como moderna. Possui uma das melhores livrarias de Lisboa, encarecida, sobretudo, pela raridade dos exemplares e edições que encerra. Não é um bibliomaniaco, é um bibliographo esclarecido, que pelas suas investigações perseverantes, se torna um forte auxilio de todos que desejam conhecer de perto as riquezas da litteratura portugueza e hespanhola.

Aqui tivemos afinal as *Pupillas do sr. reitor*, no theatro da Trindade. O romance perdeu, passando do livro para o paleo. Isto mesmo havíamos nós dito ao sr. Biester, muito antes d'elle ter concluido o seu trabalho. As exigencias das duas fórmulas—a forma da novella, e a forma dramatica—são mui diversas. Por excepção se podem insuflar na fórmula narrativa, que é a fórmula mais peculiar e geral do romance, as condições de vida, que a scena determina. E tanto assim é, que raros são os trabalhos, julgados perfectos, depois d'este processo. Apon-tam-se os dramas *Mademoiselle de la Seiglière*, *La dame aux Camellias*, e poucos mais.

No entanto, as *Pupillas* ainda agradaram sobre o palco, o que é devido á natureza dos elementos que fazem o encanto do livro para todos os leitores. São typos verdadeiramente populares todos que ali vemos, e alguns d'elles alegrados com toques que a observação satirica tornou comicos, e tudo agrupado com singellessa, e candura até, no seio das simplicidades e lhanza da vida campestre. São como casos da nossa vida, que nos estão narrando, e cuja verdade nós temos occasião de averiguar e apreciar, por que lhe temos tratado de perto os personagens e folgado no proprio local da acção. D'aqui o gosto com que é vista, commentada e applaudida a peça, e encarecidos muitos dos seus lances.

Consta-me que o auctor ficara satisfeito do trabalho do sr. Biester. Pois se o auctor ficou, o publico igualmente. A prova vemol-a nós todas as noites, na muita affluencia e applausos.

E estas sentenças são as que servem, porque em cousas do theatro, o publico é juiz do facto.

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

## AS REGRAS GERAES

DO SNR.

J. M. P. S.

DA

CIDADE DO PORTO

Este snr. passou trabalhos grandes em sua vida, da qual nos contou o essencial em um folheto de 32 paginas, publicado em Lisboa, no anno de 1816, com este laconico frontespicio: *Definição da amizade, seu augmento no tempo da felicidade, e diminuição total no da desgraça. Obra muito util para a mocidade, que principia a entrar na or-*

*dem do mundo, onde lhe parece que tudo o que luz é ouro, quando é tudo falso, e só lisongeiros mostrando-se amigos para lhe comerem o que tem; e depois de os verem pobres voltarem-lhe-as costas: á maneira dos pardaes, que se ajuntam em bandos a fazer muita festa ao Lavrador quando este traz o milho na eira; e logo que o recolhe na tulha de-sapparecem, e só vem um por um chamar-lhe vilão, esquecidos do bem recebido, que pagam com tal ingratição insultante. Composta por J. M. P. S. da cidade do Porto, no anno de 1816.*

Se titulo deste tamanho abastecia uma encyclopedia de sciencias moraes, cresce a admiração de ponto quando o vemos invadir a zoologia, contando-nos as costumesiras e linguagem dos pardaes, em dialogo com os lavradores.

E tanto mais para assombro quanto o auctor nos recommenda a sua ignorancia neste requinte de modestia: «Não me inculco por sabio em faculdade alguma, por não o ser.» Todavia, confessa que o parece. Sobre ser novo, é sublime desprendimento, isto! Não quer que a gente se engane com apparencias.» O tempo (escreve elle) me tem ensinado a *parecer* sabio nesta materia.»

A materia referida vem logo tratada depois do *Prologo* que diz derivar-se de *Para-logo*. Foi elle quem primeiro disse esta coisa. Como de passagem o filologo hia cavando na raizes das palavras! (1)

Entra o snr. J. M. P. S. a contar sua vida.

Aos 8 annos foi para o Brasil, enviado por um tio. Arranjou-se em caza d'um negociante chamado Pedro, *que mostrando bem o fio de tal nome lhe não parava caixeiro em caza*. Não cai a gente depressa na significação do *fio de Pedro*. E' methaphora.

No fio estava ja o biographo, ao cabo de trez annos de má vida, Deixou o patrão, e foi com outro, e com fazendas por sua conta, mercadejar ás Minas de Goyazes.

Oportunamente nos dirá o que viu, sendo que a disposição em que leva girada a sua biographia lhe ordena começar pela noticia do Rio de Janeiro. Aproveitemos da descripção o que nos parece, alem de curioso, importante ao confronto da cidade moderna com a que foi ha sessenta annos...

«E' muito plana e regular, suas ruas são muito direitas, e só a deste nome é a mais torta, e fazem um xadrez á maneira de jardim: são seus nomes os seguintes: A primeira que corre de Leste a Oeste ao longo do rio, é a da Praia do peixe, que comprehende o palacio com seu grande largo, onde se faz a parada, seu chafariz no meio, caes de pedra com assentos, passeio, etc. A segunda é a Direita, onde está, a alfandega, e esta tem fundo tal que chega á da praia, onde ha uma grande estacada pelo rio dentro forrada de taboado, e coberta com um telhado a que chamam Ponte da Alfandega... Nesta mesma rua, que é bastante larga, moram a maior parte dos negoci-

(1) O snr. Francisco Gomes Freire, tambem filho do Porto, e negociante no Rio, descobriu, ha pouco tempo, que *entrado* é derivado de *Entre-tudo*. Conta o illustre portuense, no proposito, uma historia persuasiva e inedita. Não sei que outra terra haja dado assim no mesmo seculo dois talentos para etimologias!



antes de atacado, supposto ha muitos de mercadores do retalho e de ferragem. A terceira rua, que corre do mesmo rumo, é a Quitanda, que é de mercadores de retalho desde a rua do Ouvidor até Santa Rita; e desde a dita rua do Ouvidor para a parte da de S. José tem o nome da rua do *Soçocusará*, cuja derivação do nome lhe vem de certo homem que ali morou com tal chaga no assento que todos perguntavam se o seu c. *sará*. (1) O que deu nome á dita rua. A quarta rua é a dos ourives do ouro e da prata que vai ter á igreja de Santa Rita.

«A quinta rua é a da Villa na qual so moram povo de officios. Depois segue-se o campo de S. Domingos onde até o anno de 1797 só haviam algumas cazas pequenas, e em muitas d'estas moravam os siganos, que foram degradados de Portugal no tempo do Snr. D. Francisco, pelas suas virtudes de enganadores em contractos de que ainda usam n'aquella e n'outras cidades em que existem. As outras ruas, que fazem o xadrez, botando em linha recta, desde a da Praia ao campo de S. Domingos, são dez, a saber: a de S. José, da Cadea, do Ouvidor, do Rozário, de Traz do Hospício, Travessa da Alfândega, Sabão, S. Pedro, das Violas, e Pescadores; e so esta ultima é morada de muitos negociantes de atacado, e a do Rosario de tavernas de vinho, de que quase todos os taverneiros são ilheos; as mesmas são morada de diverso povo de officio na mesma a Rua da Cruz, que bota da rua Direita para a da Praia, e a de mercadores; e a rua da Carne Secca, que tambem bota da rua Direita para a da Praia, e fica em frente da do Rosario, e é de lojas de carne secca vinda do Rio Grande; e mesmo ao pé da praia ha lojinhas de diversas quinquilharias miudas, a que chamam armarios, que são á maneira dos da Natividade na cidade do Porto. Ha mais algumas travessas e viellas, etc. As ditas ruas são todas tão direitas que da Praça e Rio se avista o campo de S. Domingos, e são todas ladrilhadas de pedra miuda pelo meio, e de larga pelos lados para passeio; porém não tinham peões de pedra n'aquelle tempo. A rua Direita, Largo do Palacio e caes tem lampiões de 12 em 12 passos, que em noites de escuro são acesos pelos prezos das galés, e fazem boa vista olhando-se do rio.»

Quem houver visto a capital do imperio brasileiro, espanta-se da transformação; mas não descreia da pintura que lhe offerece o prestante sujeito que a descreveu ha meio seculo. Pode ser que ainda vivam contemporaneos d'elle que lhe abonem a fidelidade da descripção.

Onçamol-o na analyse dos costumes dos fluminenses.

#### *Conducta e character dos nacionaes*

«São tão inimigos do trabalho que muitos poucos se vê apprenderem officio e menos applicados ao commercio; pois tem por desprezo serem caixeiros para chegarem a ser negociantes, e mofam dos filhos de Portugal, quando principiam n'aquella carreira; e ainda que seus pais lhes dessem cabedal, sabem bem gastar-o, e em breve ficam como S. Sebastião de calções. São com tudo activos e aptos para tudo quanto se applicam, que é quase geral ser para doutores em medicina e leis, frades, clericos ou soldados. As fêmeas tem muito juizo, por que preferem o cazar com filho de Portugal, sem ter vintem,

(1) O auctor, forçado pelo rigor etimologico da sua noticia, desviou-se algum tanto das boas praticas dos topographos seus coevos. Lido com toda a probabilidade em Jorge Ferreira e Gil Vicente, não quiz ser mais delicado que elles. Se a rua procedia d'uma raiz suja, a culpa não era d'elle. Quem tresandava n'este cazo, era o senado a quem competia dar nome novo á rua para fazer esquecer a parte ulcerada que lhe dera o nome velho.

ao do seu compatriota com milhões, cuja preferencia fazem ainda que tenham ricos dotes. Chamam-se cariocas aos filhos da dita cidade, derivado o dito nome do chafariz *carioca* unica agua que até aquelle tempo tinha a cidade, e da mesma é que era encanada para o chafariz do Largo do Palacio; o que era incuria da camara, por haver muita agua no logar de Andrahi, so distante duas leguas, que muito facil se podia meter na cidade. Esta incoherencia motivou vender-se um pote d'agua por duas patacas, 640 reis quando o Principe regente nosso senhor ali chegou com a sua corte, e agora é que o mesmo senhor mandou meter agua em abundancia. O vicio na falla é nos nomes seguintes: Para dizerem *milho* dizem *mio*; para *melhor* dizem *mio*, para *peor* *pio*; para *telha* dizem *têa*; para *telhado* dizem *teado*; para *melhorar* dizem *miorá*, etc, etc, etc.»

Segue o roteiro a peregrinação para Goyares. O auctor estranhou os mosquitos do Porto da Estrella: «Eram muitos os mosquitos pernelongos (diz elle) que assobiam e mordem diabolicamente, primeiro trabalho que senti, e estranhei por falta de costume.»

Descreve tresentas e vinte leguas de sertão, onde se lhe acabou o feijão e toucinho. Felizmente, elle e os seus vinte e um companheiros comiam macacos assados; e «era tal a fome (acrescenta o peregrino) que ainda muito mal assados, e que ainda pareciam gritar, já cada um cortava o seu pedaço.» Infelizes macacos!

Declara que a villa de Goyares tem theatro; mas que as figuras não são boas; e lembra-se então de ter omitido que o theatro do Rio de Janeiro é bom e situado atraz do palacio, e que as figuras são boas. Gaba grandemente a indole liberal dos moradores de Goyares, comparando-os aos sovinas do Rio, que nunca lhe offereceram um jantar.

Ao cabo de desoito mezes, voltou com o lucro de cinco mil e tantos cruzados. Tornou ao Rio Grande de S. Pedro do Sul, com vinte e seis mil cruzados de fazenda em trez sumacas. Naufragou na barra do Rio Grande. Morreram muitos passageiros que se lançaram ás ondas, e salvou-se elle com mais seis por não saber nadar.» Eu tive o acôrdo (pinta elle) de amarrar debaixo dos braços uma capoeira de gallinhas, e quando a sumaca se fez em pedaços (que foi no espaço de uma hora pouco mais ou menos) fiquei sobre o mar, o qual me foi levando do banco em banco de areia; ora muito fundo ora ganhando pé, sustentei bastante tempo o meu juizo, até que o perdi quando ja avistava a praia, em que andavam os bons moradores d'ali, homens e mulheres, com grandes bicheiros a salvar os que abordavam á mesma. Eu nada soube de mim, senão quando vim a meus sentidos, e me achei em uma boa cama, e tratado com tal modo e amor como se faz em Portugal a um proprio filho. Desta boa e santa familia soube que me viraram as pernas para cima, e que tinha botado pela boca muita agua salgada e que me tinham despregado os dentes com uma colher, para me botarem por ella agua de gallinha, e que para vir a meus sentidos levava algumas oito horas. Tambem soube d'ella que só morreram quatro dos meus companheiros.»

E' de saber que as sumacas, em que o narrador levava os seus cabedades, sahiram do Rio depois d'ella e chegaram a salvo.

Chegado á villa de S. Pedro, o negociante abstemse de descrever a terra por já estar cabalmente descripta n'um soneto d'um poeta da mesma villa. Visto que elle nos recommenda o primor do poema e da pintura, transcrevamos-o :

Tetos de erva, paredes de pantano (1)  
Nome de Villa e construcção d'aldea,  
Quase coberta da volante area  
Dos combros que aqui crescem todo anno :

Brizas do vento leste e *minuano*,  
De moscas, pulgas, bichos é bem cheia ;  
Não sei quem tanto insecto aqui semeia  
Para causar ás gentes nojo e dâmno !

De pé um diminuto batalhão,  
De cavallo os dragões mais esforçados,  
De voluntarios uma legião.

Dizem que ha nos campos muitos gados ;  
Esta é do Rio Grande a habitação  
Onde purgando estou os meus peccados.

O poeta purgava mais que os peccados, e devia tambem purgar os seus vizinhos com a jalapa de taes sonetos.

O seu admirador embarcou para Porto Alegre, donde se foi com a fazenda em canoas para Rio Pardo. Troucou os generos por couros e xifres. Os xifres ficaram-lhe muito em conta a 400 e 500 reis o cento. Arranjou dez milheiros d'elles, que vendeu depois no Rio a rasão de 3\$600 reis cada cento. Bom negocio! Diz elle que comprara bois a 1\$200 reis, e depois de os comer ainda vendera o couro por 1\$000 reis. Quantos bois comeria elle a dois tostões cada boi? Com quatro sumacas de couros e xifres, fez-se no rumo do Rio de Janeiro o ditoso commerciante. Os lucros sahiram-lhe tamanhos, que estabeleceu casa de negocio por atacado. Depois, pegaram com elle umas sessões rebeldes que o obrigaram a sahir para Portugal na corveta *Nossa Senhora Mãe dos homens*.

Assim que se fez no largo, entrou a comer bem. Já as maleitas se tinham ido, quando lhe sobreveio o revez de dar á costa a 26 leguas no sul da Bahia, ent'e as ilhas de Queipe e Camamu. Desembarcaram os passageiros na Praia dos Carvalhos, e de madrugada veio a corveta varar em terra. Salvou-se a carga e casco; mas em tal estado que foi mister levar-o a compor na Bahia, onde esteve nove mezes, esperando o comboyo grande, que trazia o «diamante grande» e veio a Portugal escoltado por desesseis navios de guerra. O auctor, receando a corveta, embarcou no navio Trovoada, e aportou em Lisboa com 116 dias de viagem.

Agora, d'aqui por diante, encurtar a narrativa, seria defraudar o leitor. Escreve o snr. J. M. P. S. :

«Demorei-me só 14 dias em Lisboa, e depois parti por terra para o Porto, onde chegando fui festejado dos

(1) Barro.

meus parentes, e rodeado de tantos amigos que me deixou satisfeitissimo; e muito maior numero se me ajuntou d'elles quando estabeleci casa de negocio de atacado n'esta cidade, uns a vir comer e beber a minha casa, e a convidar-me para a sua e para funcções; e como eu nunca tinha tido desgraça alguma, unica pedra de toque para os conhecer falsos, e me via com vinte mil cruzados, não sabia que a sua festa era a estes e não a mim; e ora me pediam quantia emprestada, ora para lhe firmar letras, o que tudo eu fazia com sinceridade, e o tempo que esta ficção me durou o descrevo no seguinte:

#### *Tempo da minha fortuna no Porto*

Seis annos passei engodado dos taes amigos sempre obsequiado d'elles como verdadeiros; mas ah quanto me enganai!! O céo queira que os meus leitores aprendam na minha cabeça, e que não quebrem a sua, fiando-só no tempo feliz, em Deus e depois no dinheiro que são os unicos amigos em quem nos podemos fiar, seguramente, o que vou demonstrar no seguinte:

#### *Tempo da minha desgraça*

Tendo no meu principio vendido porção de anil que trouxe do Brazil aos fabricantes da Covilhan, a troco de panos e baetoens, mandei quantia d'estes para o Rio de Janeiro, e vendi outra quantia a diversos n'esta cidade com letras acceitas para servir de desconto d'estas, na falta de remessas do Rio. Este plano prudente falhou-me em tudo; por que as remessas fallhando, descontei as letras que para isso firmei; e ao seu vencimento quebraram os acceitantes meus devedores, e fui obrigado a tomar novo dinheiro com firma de meu tio e minha, e com uzura de ser em papel moeda, que o desconto estava a 28 por cento: o que soffri esperando as remessas do Rio. Eis que são tomados sete navios pelos francezes, todos d'esta cidade, e em que perdi maior quantia do que tinha, e fui então obrigado a ver fugir todos os meus amigos, e os primeiros os que mais obrigaçoens me deviam, que nem o chapéo me tiravam; até tive um a quem eu firmára 1:800\$000 reis e elle a mim só 400\$000 reis, o qual foi dizer ao meu honrado credor, que não firmava mais a letra, o que este me disse em segredo. Fui então ter com o tal amigo, e lhe dei em panos azues valor maior dos 400\$000 reis para servir de penhor; e, chegado o vencimento da reforma, fui pagar ao meu credor, e levei a letra para o dito amigo ver e riscar o seu nome, e depois pedi-lhe os meus panos, que me disse tinha dado em penhor da divida sua; os quaes nunca mais me deu, e d'ahi a pouco fez ponto. E que vos parece este amigo? Este e outros quase semelhantes, junto aos prejuizos já contados, me obrigaram a fazer ponto; porém com honra; pois mostrei claro os ditos prejuizos em balanço dado mercantilmente, e em que meti e entreguei perto de 3:000\$000 reis que tinha em casa de fazendas, e tomando conta os meus honradissimos credores, que nomearam um caixa, sahi eu pela porta fóra com 1\$320 reis; de sorte que para levar minha mulher e uma filha de quatro mezes para Cambra (donde a mesma é) d'aqui sete leguas, empenhei um guarda-sol por 2\$400 reis a Manoel José d'Oliveira Braga, negociante e morador n'este tempo na Ponte Nova; pois que nem minha mulher trouxe dote, nem lh'o fiz por ser furto; bem que alguns dos meus devedores m'o fizeram nas suas quebras. Com o meu braço a escripturar livros do commercio vou vivendo agora, graças a Deus!»

Não ha duvidar da probidade de um homem que atirou assim á cara dos que o roubaram a sua defeza e justificação. A coragem de sahir a lume com a sua autobiographia quem lh'a deu senão o desassombro da honra infeliz, mas intrepida? Tivesse elle estylo, veriam que commovente lance não seria o da esposa, e filha de quatro mezes, caminho de Cambra, ratinhando as migalhas procedentes do guarda-sol, empenhado pelo probro negociante, que entregára aos credores tres contos de reis, e não dotára a mulher para os não prejudicar!

E, depois, a serenidade da narrativa! Quando accusa um ladrão, pergunta: «e que vos parece este amigo?» O reportado animo com que elle escreve: «com o meu braço a escripturar livros de commercio, vou vivendo, graças a Deus!»

Quando parecia estar fechado o protesto, o laborioso escriptuario conta dous casos que *lêra e ouvira em rapaz sem os attender*. O primeiro caso que elle ouviu foi «que o sabio Ovidio Romano disse no seu tempo que no tempo feliz muitos e innumeraveis amigos teremos, e que no da desgraça sós nos acharemos.» O segundo caso, que *lêra*, foi um soneto, que termina:

Tenho experiencia, e tenho entendimento;  
E, se ha no mundo amigos verdadeiros,  
Será só no paiz do fingimento,

Outro caso que *lêra* é o de um pai que deixou em determinado logar uma corda ao filho para que se enforcasse quando empobrecesse. O rapaz, reduzido á miseria pelos desvarios e prodigalidades, deliberou enforcarse na corda atada a um caibro por mão do pai. Pendurou-se, esperneou, o caibro rangiu, partiu-se, cahiu, e uma saraivada de peças choveu sobre o suicida. O prodigo regenerou-se.

Remata o snr. J. M. com as trez *Regras Gerais* seguintes:

1.<sup>a</sup>

*Não confies em homem que sempre e para todos se ri; pois ha provas de ser fingido, e é impossivel que o coração seja sempre equal como quer mostrar o rosto. Tambem nos templos o que resa muito alto e bate muito nos peitos não ha a melhor prova delle.*

2.<sup>a</sup>

*Quando algum individuo te vier propor algum negocio, não o decidas em ajuste logo, e dize-lhe que verás; por que elle quando t'o vem offerecer já o tem considerado, e tu debes tambem pensar se te convem ou não.*

3.<sup>a</sup>

*Quando alguém te vier pedir pequena quantia de dinheiro ou fazenda até certo dia, e t'a vier pagar promptamente, espera, que logo depois te vem pedir maior quantia,*

*que não debes emprestar para não perder esta segunda; pois é este o estylo de caloteiros geralmente, e que admite pouca excepção tal regra.*

## NOTA AO LEPROSO X. DE MAISTRE

O conde Xavier de Maistre na tão formosa quanto conhecida narrativa do «Leproso» descreve a porção dezerza da antiga cidade d'Aoste. (1) «Entestando com a porta da cidade (diz o insigne escriptor) jazem as ruinas de antigo castello, no qual, se a tradição é exacta, o conde Renato de Chalans, enfurecido por ciumes, deixou morrer de fome, no seculo quinze, a princeza Maria de Bragança, sua mulher. D'isto se deriva o nome de «Bramafan» (*grito de fome*, dado ao castello pelos naturaes do sitio. Esta anecdota, cuja autenticidade é duvidosa, torna interessantes estes paredieirs ás pessoas sensiveis que a julgam verdadeira.»

Não informaram os moradores d'Aoste exactamente o illustre visitador do leproso, nem de Maistre consulton informações historicas. O conde de Chalans foi decerto casado com uma senhora da casa de Bragança quarta filha do duque D. Diniz. Chamava-se ella «Mecia» e não «Maria». *Lencastre* era o seu apellido.

D. Mecia, em qualidade de dama da infante D. Beatriz, (1) filha d'el-rei D. Manuel, passou a Saboya, quando aquella princeza, em 1421, casou com o duque Carlos III. Dotada com tão illustre nascimento, foi pretendida dos fidalgos de Saboya, e esposa de Renato de Chalans, conde, barão e marechal.

Carecemos de documentos comprovativos da tradição popular desairosa á memoria de D. Mecia, e da cruel vingança do trahido esposo. O que sabemos dos genealogicos é que ella teve de seu marido duas filhas: uma, D. Isabel, aqual cazou com o marquez de Suriano. A linhagem desta senhora acabou no marido de sua neta, Anibal Grimaldi, degolado em 1621. A outra, D. Filisberta, casada com o conde de Brione, é hoje representada pelos duques de Lorena e marquezes de Gerbeviller.

E' tambem certo que Renato cazou segunda vez: probabilidade que favorece a tradição do povo ligada ao castello de *Bramafan*. Pode ser que a imprudente senho-

(1) Nos Estados Sardos, capital da provincia do seu nome, a 75 kilometros de Turim, com sete mil habitantes. Foi remotamente capital dos *sallassii*, valorosa tribu da Gallia transpadana. Destruia-a Terencio Varro Murena por ordem d'Augusto. O maior numero de seus moradores morreu afogado pela torrente do rio, que o destruidor desviou do seu leito, e levou á cidade, sabendo que os habitantes se tinham sotterrado. Sobre as ruinas, os pretorianos levantaram a *Augusta Praetoria*, da qual ainda campea um magnifico arco, e á volta acervos de ruinas na parte meridional. Assim mesmo, Aoste é ainda terra importante commercialmente. Nos seus arrabaldes demoram as celebradas minas e aguas thermaes de «S. Didier.»

(1) Brites diz D. Antonio Cactano de Sousa, na *Hist. Geneal. da C. Real*.

ra, por um lapso vulgar nas fidalgas do seu tempo, se fizesse digna de exemplar castigo. Sua ama, a snr.<sup>a</sup> D. Brites de Saboya, tambem deu ciumes ao esposo, quer lh'os suggerissem a tristeza e saudades da esposa que sempre viveu desconsolada, consoante dizem poetas, quer— e isto friza com a fraca natureza humanal—a princeza se descuidasse da sua honestidade. Como quer que fosse, a memoria da filha do duque de Bragança, sem embargo de ter morrido de fome, está infamada em Aoste.

Já que não lh'a podemos rehabilitar, sirva este escripto de emenda ao erro de nome e de seculo que vem na commovente narrativa do conde Xavier de Maistre. Alguem nos tinha dito que era pura invenção o caso de *D. Maria de Bragança*, mulher de *René de Chalans*. Não é.

C. CASTELLO-BRANCO.

## CARTA DE D. ANTONIO

PRIOR DO CRATO,

AOS

LENTEs DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O cardeal-rei D. Henrique desterrou seu sobrinho D. Antonio para o Crato; como o pretendente, porém, contravindo as ordens do rei, estanceasse por Coimbra, conjurando e grangeando bandos para a sua parcialidade, o tímido cardeal aggravou a pena do desterro estendendo-a até á expatriação. No acto de sahir, o infeliz pretendente escreveu aos lentes da Universidade uma carta, que não vimos entre as *Provas da Historia Genealogica*, e encontramos entre os papeis do douto antiquario o conselheiro Nunes de Carvalho, ha pouco fallecido em Coimbra. E' do theor seguinte:

*Carta do sr. D. Antonio aos lentes da universidade para a publicarem a seus ouvintes nos Geraes. (1)*

«Fazei-me mercê de dizerdes a esses senhores vossos ouvintes que o mayor alvoroço que n'esta vida tive foi de vir para esta terra por podel-os tratar, conversar e servir como bom companheiro e verdadeiro irmão, que n'esta conta me tenho, e que ha muitos annos trago estes desejos que não pude effectuar até agora, por cousas que succederam. Agora que cuidava tinha alcançado o que tanto desejei, me manda sua Alteza me vá de seus reinos, e me ha por desnaturado d'elles; que lhes affirmo pela verdade que devo fallar, e assim Deus me console, que mais sinto esta abzencia pelos deixar, que pelo que ella está promettendo; e lhes peço por mercê cuidem isto

(1) Não seguimos rigorosamente a orthographia da copia textual, por nos parecer que a noticia tem tudo com a historia e quasi nada com a philologia.

assim de mim, e tenham por muito certo que em todo o estado que me achar lhes terei este amor, e me honrarei tanto de me admittirem a esses nomes que me ponho, que será esse sempre o titulo de que mais me honrarei, e com este os servirei em tudo o que se offerecer: que se fiquem muito embora, e que nosso Senhor lhes dê a todo; o que podem desejar. *D. Antonio.*»

Com esta carta captivou D. Antonio o coração generoso e arrebatado dos estudantes; não assim o sisudo animo dos lentes que propendiam a favor da legitimidade de D. Catharina de Bragança. Rei castelhano é que mestres e discipulos repulavam com igual repugnancia.

Morto o cardeal D. Antonio, voltou ao reino, e fez-se acclamar em Santarem. Em quanto Lisboa, corrompida nos seus magnates, fechava as portas ao filho do infante D. Luiz, a formosa do Mondego anciava o momento de embandeirar suas torres e miradouros para de novo receber o rei amigo que tão saudoso lhe sahira dos seus encantos. A mocidade destemida propugnava em discursos publicos a favor de D. Antonio; ao mesmo passo que os tolerantes professores, avessos a Castella, denotavam certo pendor a deixarem-se levar na torrente do entusiasmo juvenil.

Occorreu, n'este entremettes, a Christovam de Moura seduzir um clerigo de Coimbra, chamado Ambrosio de Sá, ancião venerado na terra e havido em grande conta de sancto e politico. O padre Ambrosio agenciou o reviramento d'alguns espiritos, e conseguiu predispor-os contra o filho da zingara. Os animos revirados deviam de ser dos mais grados de Coimbra, por que entre estes logrou alliciar a favor de D. Filippe 2.<sup>o</sup> os membros do Senado. (\*)

Ainda assim, a magnanima alma dos moços estudantes não resvalou da sua patriotica dedicação ao prior do Crato. Quando o temerario, derrotado em Alcantara, ia fugindo, Coimbra recebeu-o carinhosa. Muitos estudantes se alistaram nas suas escalavradas fileiras; o povo seguiu os estudantes; e D. Antonio, compungido por tão amorosa vassalagem, amaldiçoou talvez a má fortuna que lhe contraminava a devoção de tantos e tão leaes amigos.

Pobres moços! mui cara lhes havia de sahir a honrosa loucura de seguirem até ao Porto o foragido!... D. Antonio, verdadeiramente, não merecia o culto de tantos martyres. A posteridade não pode louvar o neto d'el-rei D. Manoel; mas exalça e sanctifica a illustre memoria dos que lhe foram leaes até á escada do patibulo.

C. CASTELLO BRANCO.

(\*) A *Dedução Chronologica* de José de Seabra, ou, mais exactamente, do marquez de Pombal diz que o padre Manoel Godinho andou disfarçado em estudante, aliciando os animos a favor de Castella. Este disfarce figura-se-nos inverosimil.